

FUNDAMENTALISTAS E EVANGELICAIS: UM OLHAR SOBRE AS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Fundamentalists and Evangelicals: a look at the approaches and distances

Marcos da Silva Perin*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6741622054702369>

RESUMO: O artigo oferece uma síntese histórica do debate entre fundamentalistas e evangelicais. Adotando como ponto de partida o liberalismo teológico, ver-se-á no movimento fundamentalista uma reação ao modernismo. Dividido em quatro fases, será demonstrado, ainda, a cisão que deu origem aos evangelicais, e o direcionamento que o grupo assumiu após a divisão. Em seguida, será traçado os principais pontos de conflito entre as duas vertentes, seus radicalismos, e os sinais de uma possível retomada de comunhão. O artigo beneficiará o leitor, ao colocá-lo no centro de uma discussão maior, a questão da unidade e a verdade, e poderá prover reflexões a respeito dos limites da comunhão com outros grupos cristãos, ao lado da necessidade de se manter zelo doutrinário, mantendo interesse na unidade da igreja.

Palavras-chave: Fundamentalismo; Liberalismo; Evangelical; Modernismo; Ortodoxia.

ABSTRACT: The article offers a historical synthesis of the debate between fundamentalists and evangelicals. Taking theological liberalism as a starting point, a reaction to modernism will be seen in the fundamentalist movement. Divided into four phases, it will also be demonstrated the split that gave rise to the evangelicals, and the direction that the group took after the division. Then, the main points of conflict between the two most relevant theories, their radicalisms, and the signs of a possible resumption of communion will be traced. The article will benefit the reader, by placing them at the center of a larger discussion, the question of unity and truth, and may provide reflections on the limits of communion with other christian groups, alongside the need to keep doctrinal zeal, maintaining interest in the unity of the church.

Keywords: Fundamentalism; Liberalism; Evangelical; Modernism; Orthodoxy.

* Graduado em Teologia pela Faculdade Kurios, mestrando em Artes e Ministério, Carolina University. Contato: pr.perin@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a analisar, do ponto de vista histórico, a situação presente do movimento fundamentalista e o evangelicalismo, abordando seus distanciamentos históricos e teológicos, bem como as tentativas de restabelecer a comunhão. Para tanto, será apresentado o liberalismo teológico, como uma proposta de teologia que rompia com elementos básicos da fé cristã, seguido por uma exposição do fundamentalismo norte-americano como resposta combativa ao liberalismo teológico.

Optou-se por dividir, para fins didáticos, o movimento fundamentalista em quatro fases. Ver-se-á que é, na terceira fase, a ocasião em que o fundamentalismo se divide, dando origem aos evangelicais ou evangélicos. Daí por diante, será exposto os caminhos que cada grupo seguiu, com suas particularidades. No final, será apresentado uma discussão a respeito da situação atual dos dois movimentos, os sinais de reaproximação e os radicalismos.

Tenciona-se, com o presente artigo, apresentar ao leitor uma síntese histórica dos dois movimentos, bem como investigar a questão das tentativas de reatar comunhão, já que boa parte da literatura foca no rompimento dos dois grupos. Espera-se, ainda, que o leitor, como consequência da interação com o texto, aprofunde reflexão a respeito da importância de lutar pela unidade da igreja, com tanto empenho quanto se luta pela verdade doutrinária. Sendo um descendente histórico desse movimento, o pesquisador tem se inquietado com essas questões.

1 O PANO DE FUNDO: O LIBERALISMO TEOLÓGICO

Para se investigar, com precisão, o nascimento e o sentido do fundamentalismo histórico, é necessário um olhar mais demorado no liberalismo teológico¹, uma vez que, aquele é uma reação a este. A teologia liberal “tencionava indicar um livre método de investigação histórico-crítico das fontes da fé e da teologia, que não se sentisse vinculado aos dados posteriores da tradição dogmática” (RUBENS, 2016).

Os séculos, XVII e XVIII, marcaram o surgimento do iluminismo. O protestantismo reformado passava por uma séria crise na espiritualidade, marcada, sobretudo, por uma forma gélida de ortodoxia. O racionalismo tomou para si a missão de

¹ Alguns autores preferem o termo, modernismo.

submeter todas as esferas do conhecimento à razão, especialmente as questões relacionadas à fé, encarando as questões de revelação de forma mais antropocêntrica e menos teológica. A síntese desse movimento se deu, no teólogo alemão, Schleiermacher, conhecido por retratar a experiência religiosa como mero sentimento de dependência de Deus, não havendo, portanto, a necessidade de texto escrito, inerrante, inspirado e infalível.

Na hermenêutica, os modernistas passaram a ler a Escritura com as lentes do método histórico-crítico, o qual via, nas Sagradas Escrituras, não mais o registro fiel, histórico e preservado dos atos salvadores de Deus, mas a simples declaração de fé dos discípulos, a respeito de um Cristo que não existiu historicamente, mas que ressuscitou apenas por meio da pregação de seus primeiros seguidores.

Segundo Lopes, (2016, p.2), estão entre as principais proposições do liberalismo teológico:

1. O sobrenatural não invade a história. Milagres não acontecem como fatos no tempo e no espaço, mas são explicações ou projeções das pessoas na tentativa de descrever suas experiências ou entender Deus;
2. A história se desenrola numa relação natural de causas e efeitos; Milagres como o nascimento virginal de Cristo, os milagres que o próprio Cristo realizou, sua ressurreição física dentre os mortos, os milagres do Antigo e Novo Testamentos nunca aconteceram na história. No máximo, na *heils-geschichte* (história santa, ou história salvífica), diferente do mundo da história bruta, real, factível;
3. Temas como criação, Adão, queda, milagres, ressurreição, entre outros, pertencem à história salvífica e não à história real e bruta. Adão e Eva não foram pessoas reais;
4. Não interessa o que realmente aconteceu no túmulo de Jesus no primeiro dia da semana, mas, sim, a declaração dos discípulos de Jesus que diz que Jesus ressuscitou;
5. Os relatos bíblicos dos milagres são invenções piedosas do povo judeu e dos primeiros cristãos, mitos e lendas oriundos de uma época pré-científica, quando ainda não havia explicação racional e lógica para o sobrenatural;
6. A Escritura contém erros e contradições, lado a lado com aquelas palavras que provêm de Deus. Nossa tarefa é tentar separar as duas coisas;
7. Interpretar a Bíblia historicamente significa reconhecer que ela contém contradições. Qualquer abordagem hermenêutica deixa de ser histórica se não aceitar essas contradições;
8. A Igreja Cristã se perdeu na interpretação da Bíblia através dos séculos e somente com o advento do Iluminismo, do racionalismo e das filosofias resultantes é que se começou a analisar criticamente a Bíblia e a teologia cristã, expurgando-as dos alegados mitos, fábulas, lendas, acréscimos, como, por exemplo, os mitos da criação e do dilúvio e de personagens inventados como Adão e Moisés, etc;
9. O sentimento religioso é algo universal, isto é, cada ser humano é capaz de experimentá-lo. É esse sentimento que dá validade às experiências religiosas e que torna o ecumenismo possível.

Os enunciados do liberalismo teológico não eram apenas mais uma dissidência, típica do protestantismo, mas uma negação direta das afirmações basilares da fé cristã. Outro problema é que os teólogos liberais ainda permaneciam nas igrejas históricas, ensinando em seminários e ministrando a pastores. Não havia outra saída – pelo menos foi assim que muitos compreenderam – a não ser uma postura combativa pela fé.

2 O FUNDAMENTALISMO

Em uma sentença simples, o movimento fundamentalista foi uma reação ao liberalismo teológico. Em 1910, o Pr. A. C. Dixon, de Moody Church – Chicago, promoveu uma publicação de 12 volumes em defesa da ortodoxia bíblica: “The Fundamentals: A Testimony to the Truth”. Os artigos, de renomados teólogos americanos, ingleses, canadenses e escoceses reafirmavam tudo o que os liberais negavam: “as doutrinas da inspiração das Escrituras, do criacionismo, do nascimento virginal de Cristo, de sua morte salvadora e ressurreição corporal e seu retorno final em glória – com forte ênfase em missões e evangelização.” (FERREIRA, 2013, p.471). Para se compreender com mais clareza, o fundamentalismo pode ser compreendido em algumas fases.

2.1 A primeira fase: década de 1920².

Nessa fase, os fundamentalistas militaram contra o liberalismo em suas próprias denominações. As maiores batalhas ocorreram na Igreja Presbiteriana do Norte (EUA) e Batista do Norte (EUA), centralizando-se em seminários, juntas missionárias, convenções e ordenação de ministros.

Além da forte oposição à teologia liberal, o movimento fundamentalista deu grande ênfase à santificação pessoal e à crítica a movimentos não-cristãos (mormonismo, darwinismo, espiritismo, socialismo). É nessa época que o termo fundamentalista passou a ser designativo de um corpo doutrinário que, caso negado, destruiria a fé cristã.

Merece destaque a comunhão fundamentalista, que promoveu diversas convenções em várias cidades dos EUA. O objetivo era denunciar e combater o modernismo, além de formar um corpo de líderes que desse sustentação de voto em decisões da denominação para expulsar teólogos e pastores liberais.

² Segue-se, nesse ponto, Bauder e Delnay (2014, p. 83-143).

Todos esses esforços deram origem à União Bíblica Batista (1922). O objetivo era divulgar os fundamentos e juntar esforços para expulsar os liberais das igrejas batistas. No entanto, os liberais já tinham espaço e influência suficientes para enfraquecer os planos desse movimento. Por volta de 1926, a União Bíblica perdeu força, e os fundamentalistas iniciaram uma fase de transição que culminaria no rompimento com a Associação Batista Americana.

2.2 A segunda fase: final da década de 1920-1940

É objeto de controvérsia entre os historiadores se essa fase foi de derrota ou de vitória do fundamentalismo. O fato é que, ao perceber que o liberalismo nas igrejas e instituições históricas se tornara impossível de ser removido, grupos fundamentalistas romperam com suas denominações para formar movimentos que mantivessem os fundamentos. Assim, em 1932, foi criada a Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares, em 1936 a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, em 1938 a Igreja Presbiteriana Bíblica, em 1947 a Associação Batista Conservadora dos Estados Unidos.

George Marsden (1987, p.7) fez sua avaliação sobre esse período:

Na década de 1930, quando se tornou dolorosamente claro que reforma a partir de dentro não poderia evitar a expansão do modernismo nas principais denominações do Norte [dos Estados Unidos], mais e mais fundamentalistas começaram a fazer da separação [da maioria das denominações da América] um artigo de fé. Embora a maioria que tinha sustentado o Fundamentalismo nos anos de 1920 ainda permanecesse em suas denominações, muitos batistas dispensacionistas e alguns poucos presbiterianos influentes estavam exigindo separatismo.

A questão que fica para historiadores e teólogos debaterem, é se tais fundamentalistas erraram ao se divorciar das grandes denominações, ou se a melhor atitude teria sido a de prosseguir lutando pela purificação doutrinária sem romper. Para os fundamentalistas que se separaram, era uma questão resolvida e firmada, o fato de que, as grandes denominações já haviam sido tão desfiguradas pelo liberalismo, que a única saída era romper e recomeçar.

Além da enfática defesa da necessidade de separação eclesial, Bauder e Delnay (2014, p.128) acrescentam que os fundamentalistas primavam pela interpretação literal das escrituras, pela santificação pessoal e pela denúncia de qualquer entidade ou pessoa que negasse os fundamentos. Nessa época, também, prosseguem os autores, os fundamentalistas começaram a se separar de outros grupos que, conquanto mantivessem a ortodoxia, defendiam maior interação acadêmica com os liberais. Dollar (1973, p.76)

define bem o direcionamento dessa fase do movimento, ao declarar que o “fundamentalismo histórico é a interpretação literal de todas as afirmações e atitudes da Bíblia, e, a aguerrida denúncia-exposição de todas as afirmações e atitudes não bíblicas”.

2.3 A terceira fase: 1940-1970

Essa década testemunhou as primeiras cisões internas do fundamentalismo. Alguns fundamentalistas entendiam que o movimento começara a dar passos em direção a um tipo de divisionismo intolerante, na forma de legalismos. A maior cisão originou os evangélicos ou evangélicos, tendo em Billy Graham e Carl Henry os seus maiores expoentes (FERREIRA, p. 472).

Carl Henry, o chamado teólogo evangelical,

Não aceitava a postura americanizada do fundamentalismo. Em seu entendimento, os fundamentalistas ‘confundiam a cultura americana com o evangelho’, e por isto denunciou a postura anti-acadêmica de seus dias, entre os evangélicos, em que a fé parecia exigir um suicídio intelectual” (FERREIRA, 2013, p. 473).

Diferente do fundamentalismo, os evangélicos buscavam uma via média, por meio da qual, fosse possível alguma interação com outras confissões, e até com certos teólogos liberais, desde que se mantivesse os fundamentos.

Embora evangélicos e fundamentalistas tivessem muitos elementos em comum³, estes últimos denunciavam com maior veemência a secularização da igreja, os vícios e o comunismo. Não buscavam respeitabilidade social e acadêmica de instituições como o Seminário de Fuller, e se opunham as cruzadas evangelísticas de Billy Graham, por seu caráter ecumênico. Ashbrook (1992, p.14), sintetiza o espírito do movimento, ao defini-lo como “a crença militante e a proclamação das doutrinas básicas do Cristianismo, que levam à separação bíblica daqueles que as rejeitam”.

2.4 A quarta fase: 1970-1980⁴

Essa época marcou o auge da revolução sexual, expansão comunista e a ascensão de Ronald Regan. Nesse novo ambiente, os fundamentalistas se apresentaram com um discurso que denunciava a crise social, econômica, moral e religiosa dos EUA. O grande

³ Entre os dois grupos havia em comum a própria ortodoxia, a evangelização e missões, a moralidade contra o fumo e a bebida, cinema, teatro e jogos de azar.

⁴ Seguindo Bauder, Defending the ideia of fundamentalism. <http://www.garbc.org/news/>, acessado em Outubro de 2016.

inimigo era o humanismo secular, responsável por subverter escolas, universidades, governo e a família, estimulando o evolucionismo, socialismo, a perversão sexual e o desprezo pela Bíblia.

Encabeçavam esta luta homens como Tim LaHaye, Hal Lindsey e Pat Robertson. Utilizando a palavra impressa, a televisão e faculdades conclamavam os americanos ao retorno às Escrituras, e aos valores que moldaram aquela nação. Foram chamados neo-fundamentalistas por conta da tendência de enfatizar menos as distinções entre evangélicas e fundamentalistas, apesar de defenderem a separação eclesiástica.

Pode-se afirmar que o fundamentalismo nessa fase adquiriu uma agenda mais política e menos teológica. Acreditavam haver uma conspiração humanista para tomar a América e banir o cristianismo. Posicionaram-se abertamente contra o aborto, entidades homossexuais, uso de drogas, movimento feminista, associação com a URSS e posse de armas.

O evangelicalismo, por sua vez, começou a dar os primeiros sinais de fracasso. Líderes, instituições e publicações começaram a aceitar a evolução teísta, o ecumenismo com católicos e liberais (Billy Graham). Associações evangélicas começaram a tolerar teólogos que questionavam a onisciência de Deus. Esses problemas deram maior visibilidade ao movimento fundamentalista.

3. É POSSÍVEL HAVER UMA REAPROXIMAÇÃO?

Tem sido objeto de debate se é possível haver maior interação entre fundamentalistas e evangélicos. No atual momento, é possível perceber tanto sinais de aproximação quanto de distanciamento. Algumas interações em nível acadêmico, e por meio de instituições, dão sinais de um aceno de irmandade entre os dois grupos. No entanto, quando analisado dentro da esfera da igreja local, ambos movimentos parecem muito distantes. É possível analisar a questão do distanciamento entre fundamentalistas e evangélicas, sob três prismas, conforme sugere, o historiador e teólogo, Kevin Bauder⁵.

⁵ BAUDER, Kevin. Hiper-fundamentalismo. <http://baptistbulletin.org/the-baptist-bulletin-magazine>, acessado em Outubro de 2016. Tradução nossa.

3.1 O Hiper-fundamentalismo

Há uma certa tendência a um hiper-fundamentalismo, entre alguns fundamentalistas, o que dificulta a aproximação com os evangélicos. Para Bauder, o fundamentalismo extremado se manifesta por meio das seguintes proposições.

1. Atitude militante sobre questões extra bíblicas ou até antibíblicas, manifestada no compromisso com uma teoria de preservação textual e tradução bíblica que considera a versão King James como a única Bíblia Inglês aceitável;
2. Separação redefinida como “culpa por associação”, onde se associar com alguém que tem qualquer erro constitui um endosso desse erro;
3. Incapacidade de receber críticas, ou considerar o questionamento como fraqueza ou falta de compromisso. Qualquer crítica, especialmente quando pública, constitui um ataque;
4. Anti-intelectualismo, que considera a educação como prejudicial ao bem-estar espiritual. Instituições de ensino devem ser estritamente para treinamento prático;
5. Questões não essenciais como testes de fundamentalismo, onde a comunhão é limitada a batistas (ou dispensacionalistas). Nesse ponto estão incluídos os que consideram práticas extra bíblicas pessoais, tais como o comprimento do cabelo, preferências musicais e mulheres vestindo calças, como critério de associação;
5. Envolvimento político militante como critério para a posição fundamentalista, como o ativismo contra o comunismo, aborto e direitos dos homossexuais; Enquanto a maioria dos fundamentalistas concorda sobre essas questões, hiper-fundamentalistas exigem ativismo militante como uma obrigação necessária.

Esses enunciados não possuem qualquer conexão com o fundamentalismo histórico, e quando são colocados como critérios de associação interdenominacional ou comunhão cristã, naturalmente se reforça a cisão histórica entre fundamentalistas e evangélicos.

3.2 Cooperções institucionais

Há uma outra tendência, afirma Bauder⁶, entre alguns fundamentalistas, especialmente, os mais jovens, em se distanciar do hiper-fundamentalismo, para se aproximar em diálogo e cooperação com evangélicos conservadores. É perceptível também a rejeição do anti-intelectualismo que marcou uma ala considerável do movimento. Muitas escolas e publicações fundamentalistas caíram em descrédito por estar aquém de instituições similares. Insatisfeitos com essa situação, procuraram elevar o nível dos seminários.

⁶ Bauder, Kevin. Defending the idea of fundamentalism. <http://www.garbc.org/news/>, acessado em Outubro de 2016. Tradução nossa.

Nos últimos anos, os fundamentalistas se mostram sensíveis à sua dependência de outros irmãos. Criaram fóruns para a troca de ideias entre as instituições e líderes. Abriram parcerias e redes, algo impensável uma geração atrás. Eles se veem como colaboradores e não como concorrentes. Exemplos disso são Sociedade das Missões, a Associação Americana de colégios cristãos, além de cooperação em seminários, faculdades, conferências, dentre outros.

3.3 Desvios evangelicais

Bauder, também, enumera, no mesmo artigo, algumas tendências entre os evangelicais, que podem prejudicar uma futura aproximação.

1. A tendência dos evangélicos à redefinição do evangelho, por meio de teologias recentes como o teísmo aberto e a nova perspectiva sobre Paulo. A mudança de ênfase no evangelho (com a mensagem de culpa pessoal, substituição penal) para algo mais psicológico, social e ambiental.
 2. Alguns evangélicos estão repensando o significado de conversão. Em lugar do arrependimento e fé, parecem abraçar uma ideia mais vaga como a identificação com a obra do reino.
 3. Outros evangélicos estão reabrindo a questão da inspiração bíblica, exibindo uma nova abertura para as perspectivas mais destrutivas da crítica bíblica.
 4. O alargamento da comunhão cristã para pessoas que negam o evangelho (i.é, apóstatas), como os católicos romanos, liberais ecumênicos.
- A revisão de perspectivas tradicionais morais, incluindo (em alguns casos) a moralidade das relações homossexuais.

Esses enunciados vão de encontro aos elementos básicos do fundamentalismo histórico. Fundamentalistas veem nestas tendências uma negação incipiente ou real do evangelho. Passados mais de cinquenta anos, prossegue o autor, a abertura pretendida pelos evangelicais começou a dar seus frutos. Na tentativa de dialogar e conquistar posições opostas, os evangelicais acabaram, em boa parte, curvando-se a elas. Enquanto o curso dessas teologias não for corrigido, dificilmente haverá proximidade entre os dois grupos, conclui Bauder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma boa analogia para se aproximar da temática, fundamentalistas e evangelicais, pode ser encontrada na história dos dois filhos de Isaque, Jacó e Esaú, irmãos gêmeos, criados em um lar turbulento, e que, ao longo dos anos, foram tomando rumos diferentes, embora mantivessem uma ligação espiritual e familiar.

Antes de tudo, evangelicais e fundamentalistas são irmãos gêmeos, gerados no mesmo embrião da ortodoxia norte-americana. Em um primeiro momento, é possível

percebê-los tão unidos, que é impossível estabelecer qualquer distinção entre eles. A década de 1920 marca a unidade e força desse movimento, levantando-se contra o liberalismo teológico.

No entanto, à semelhança dos gêmeos de Isaque e Rebeca, fundamentalistas e evangélicos se separaram. Cada grupo seguiu o próprio caminho, se remodelando à luz de processos históricos e teológicos próprios. O evangelicalismo procurando dialogar mais com a cultura, e o fundamentalismo se mantendo mais desconfiado da interação acadêmica. Os gêmeos romperam e se distanciaram.

O cenário histórico presente é incerto. Há radicalizações dos dois lados. O hiperfundamentalismo dá sinais de cisão no movimento fundamentalista, e assusta os evangélicos. No evangelicalismo, a radicalização se dá na adoção de novas teologias, as quais rompem com a fé cristã histórica, gerando repulsa nos fundamentalistas. Porém, evangélicos conservadores e fundamentalistas moderados estão estreitando a comunhão, por meio de instituições para-eclésiásticas. Esse último cenário é animador.

No caso do Brasil, o trabalho realizado por conferências reformadas, tais como a da Editora Fiel, Consciência Cristã, Puritanos, Vida Nova, ABCB, tem produzido uma comunhão saudável, entre confissões diferentes, mantendo o evangelho e os seus desdobramentos como cerne, além da soteriologia calvinista. Pregadores reformados de renome, como Augustus Nicodemus, Hernandes Dias Lopes, Paulo Junior, Luiz Sayão, dentre outros, tornaram-se populares entre fundamentalistas, produzindo uma interação edificante.

Do outro lado, a disputa cismática em torno das versões, a postura radical e, em alguns casos, o espírito divisionista em torno de usos e costumes, ainda continua sendo um fator preocupante, produzindo ressentimento entre igrejas, enfraquecendo instituições para-eclésiásticas, condenando comunidades inteiras a um gueto, no qual conseguem contemplar apenas a si mesmos.

No fim das contas, o debate, fundamentalismo e evangelicalismo, coloca o estudante diante da questão da unidade e verdade. A luta demasiada pela unidade, pode produzir o ecumenismo – um perigo para o qual os fundamentalistas alertam os evangélicos. Por outro lado, a ênfase cega nos aspectos não-essenciais da fé, buscando uma uniformidade nas igrejas e instituições, pode gerar um divisionismo arrogante – um risco para o qual os evangélicos acusam os fundamentalistas. Talvez, os evangélicos conservadores e os fundamentalistas moderados, sejam a saída para demonstrar que é

possível manter o equilíbrio entre zelo pela verdade e comunhão com grupos de confissões diferentes.

A história bíblica dá conta de que os irmãos, Esaú e Jacó, permaneceram por anos separados, mas um dia, se encontraram, se perdoaram e restabeleceram a comunhão, apesar de manter distinções pessoais. Será que esse será o clímax da história do fundamentalismo e evangelicalismo? Somente o Senhor sabe!

REFERÊNCIAS

ASHBROOK, John E. **Axiomas da Separação**. São Paulo: EBR, 1992.

BAUDER e DELNAY. **One in Hope and Doctrine: Origins of Baptist fundamentalism 1870-1950**. Illinois: Regular Baptist Press, 2014.

BAUDER, Kevin. **Hiper-fundamentalismo**. Disponível em <http://baptistbulletin.org/the-baptist-bulletin-magazine>, acessado em Outubro de 2016.

_____. **Defending the ideia of fundamentalism**. Disponível em <http://www.garbc.org/news/>, acessado em outubro de 2016.

DOLLAR, George. **A History of Fundamentalism in América**. 2 Ed. Greenville: Bob Jones University Press, 1973.

FERREIRA, Franklin. **A Igreja Cristã na História: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

LOPES, Augustus N. **O liberalismo teológico morreu?** <http://tempo-mores.blogspot.com.br>, acessando em outubro de 2016.

_____. **Entendendo os fundamentalistas**. <http://www.teologiabrasileira.com.br>, acessado em outubro de 2016.

MARSDEN, George. **Reforming Fundamentalism: Fuller Seminary and The New Evangelicalism**. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

RUBENS, David. **Teologia Liberal: Uma aproximação**. <http://biblicoteologico.blogspot.com.br>, acessado em outubro de 2016.